



VITÓRIA CRISTINA MENDES DA SILVA

**PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE MATEMÁTICA DA
EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL E O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS**

LAVRAS – MG

2023

VITÓRIA CRISTINA MENDES DA SILVA

**PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA
SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E O RETORNO DAS AULAS
PRESENCIAIS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Matemática, para a obtenção do título de Licenciada.

Profa. Dra. Sílvia Maria Medeiros Caporale
Orientadora

LAVRAS – MG

2023

VITÓRIA CRISTINA MENDES DA SILVA

**PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA
SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E O RETORNO DAS AULAS
PRESENCIAIS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Matemática, para a obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em 21 de julho de 2023

Prof. Dr. Kleyton Vinicyus Godoy UFLA

Profa. Dra. Rosana Maria Mendes UFLA

Profa. Dra. Sílvia Maria Medeiros Caporale
Orientadora

LAVRAS – MG

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, pelas bênçãos recebidas, e por toda força durante a caminhada, sem Ele não teria conseguido.

Aos meus pais, Fabiano e Kelle, por todo amor, cuidado, incentivo e apoio de sempre, por serem minha calma nos momentos difíceis, vocês são tudo para mim.

Ao João Vitor por me incentivar e ser meu refúgio.

Aos amigos que fiz durante a Graduação, que sempre me lembrarei com muito carinho, em especial a Karina e Karolayne, por terem tornado a caminhada mais leve.

A toda minha família, por sempre acreditarem e torcerem por mim.

A minha orientadora Dra. Silvia Maria Medeiros Caporale, por todas palavras de incentivo e todo suporte no desenvolvimento da pesquisa.

As professoras participantes da pesquisa, que tornaram ela possível.

Aos professores e professoras do curso de Licenciatura em Matemática que passaram pela caminhada deixando muitos ensinamentos.

A Residência Pedagógica pelos momentos enriquecedores para minha formação, que jamais serão esquecidos.

A Universidade Federal de Lavras, onde meu sonho se tornou real.

MUITO OBRIGADA A TODOS!

RESUMO

No período da pandemia de covid-19, o Ensino Remoto Emergencial foi uma solução encontrada para a Educação não parar. Na época foi desafiador, pois era uma nova modalidade e com ele muitas questões vieram à tona, incluindo sociais, alguns estudantes não conseguiram acompanhar e estudar o que estava sendo dado por não possuírem acesso às tecnologias, como computadores e internet. Sendo assim, o retorno das aulas presenciais no início de 2022 evidenciou mudanças dentro e fora das salas de aula, não somente no que diz respeito à aprendizagem. Dessa forma, na presente pesquisa buscou-se responder a seguinte questão de investigação: “Que percepções professoras de Matemática têm sobre o ensino remoto emergencial (ERE) e sobre o retorno das aulas presenciais, relacionadas à sua prática pedagógica?”. Com os seguintes objetivos: 1. Conhecer a relação das professoras com a Matemática e a escolha profissional; 2. Conhecer as percepções das professoras de Matemática sobre o ERE e a realidade do retorno presencial; e 3. Identificar como tem se desenvolvido as práticas pedagógicas para superar os dilemas e desafios. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e contou com a participação de três professoras de Matemática que participaram do PIBID e Residência Pedagógica de uma Universidade Federal localizada no sul de Minas Gerais e que atuaram no Ensino Remoto durante a pandemia do covid-19, em 2020 e/ou 2021, e que retornaram ao ensino presencial nas escolas. Para a constituição dos dados foi realizada uma entrevista semiestruturada, que foi gravada, transcrita, devolvida às participantes para aprovação e por fim analisadas. Por meio de uma análise interpretativa foi feita a análise dos dados de três eixos temáticos: 1. A relação com a matemática na escola e escolha profissional; 2. Experiências e a prática pedagógica no ERE e, por fim, 3. Experiências e a prática pedagógica com o retorno presencial. Os resultados mostram que são muitos os dilemas e desafios enfrentados nas duas modalidades de ensino, sendo que um dos mais evidenciados no ERE foi relacionado ao uso das tecnologias, e no retorno presencial a defasagem na aprendizagem dos estudantes. Mas também apontam as estratégias utilizadas pelas professoras para amenizar grande parte dos problemas enfrentados, além disso, foi possível identificar aprendizagens profissionais adquiridas por elas.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Retorno Presencial. Educação Matemática. Prática Docente.

ABSTRACT

In the period of the covid-19 pandemic, Emergency Remote Learning was a solution found for Education not to stop. At the time it was challenging, because it was a new modality and with it many issues came to the fore, including social, some students could not follow and study what was being given because they did not have access to technologies, such as computers and internet. Thus, the return of face-to-face classes in early 2022 evidenced changes inside and outside the classroom, not only with regard to learning. Thus, in the present research we sought to answer the following research question: "What perceptions do Mathematics teachers have about emergency remote teaching (ERE) and about the return of face-to-face classes, related to their pedagogical practice?". With the following objectives: 1. To know the relationship of teachers with Mathematics and professional choice; 2. To know the perceptions of the mathematics teachers about the ERE and the reality of the face-to-face return; and 3. Identify how pedagogical practices have been developed to overcome dilemmas and challenges. The research has a qualitative approach and had the participation of three Mathematics teachers who participated in the PIBID and Pedagogical Residency of a Federal University located in the south of Minas Gerais and who worked in Remote Teaching during the covid-19 pandemic, in 2020 and / or 2021, and who returned to face-to-face teaching in schools. For the constitution of the data, a semi-structured interview was conducted, which was recorded, transcribed, returned to the participants for approval and finally analyzed. Through an interpretative analysis, the data analysis of three thematic axes was made: 1. The relationship with mathematics in school and professional choice; 2. Experiences and pedagogical practice in ERE and, finally, 3. Experiences and pedagogical practice with face-to-face return. The results show that there are many dilemmas and challenges faced in the two teaching modalities, and one of the most evidenced in the ERE was related to the use of technologies, and in the face-to-face return the gap in student learning. But they also point out the strategies used by the teachers to mitigate most of the problems faced, in addition, it was possible to identify professional learning acquired by them.

Keywords: Emergency Remote Teaching. Face-to-face return. Mathematics Education. Teaching Practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Formação Docente	14
2.2 Saberes Docentes.....	15
2.3 Trabalho Docente	17
3. METODOLOGIA.....	19
3.1 Professoras Participantes.....	20
3.2 Produção dos Dados.....	21
3.3 Procedimento de Análise dos Dados.....	23
4. PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DE MATEMÁTICA SOBRE AS SUAS EXPERIÊNCIAS.....	25
4.1 Relação com a Matemática e a Escolha em ser Professora.....	25
4.2 Experiências Profissionais no Ensino Remoto Emergencial	26
4.2.1 Uso das Tecnologias	26
4.2.2 Comunicação e Interação com os Alunos.....	28
4.2.3 Dilemas e Desafios Diversos	29
4.2.4 Saúde Física e Mental	31
4.3 Experiências Profissionais no Retorno Presencial.....	32
4.3.1 Retorno Presencial	32
4.3.2 Formação Continuada.....	36
4.3.3 Dilemas e Desafios Enfrentados em Sala de Aula	36
4.3.4 Aprendizagens Profissionais	39
4.3.5 Saúde Mental	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

APÊNDICE 1.....	48
------------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO

Em março de 2020 a pandemia do covid-19¹ praticamente parou o mundo, por isso foi necessário que os governos tomassem medidas de prevenção para que o coronavírus não se alastrasse com maior intensidade. Desta forma, algumas medidas foram tomadas, como o uso obrigatório de máscara, álcool em gel e principalmente o distanciamento social foi de suma importância naquele momento.

Universidades, escolas públicas e privadas foram fechadas, nos encontrávamos totalmente perdidos, sem saber o que estava por vir. Como estudante da graduação, acreditei que seria por pouco tempo, mas não foi bem assim.

Com isso, foi necessário tomar algumas providências para que os estudantes pudessem voltar a ter aulas, para que não fossem prejudicados. Uma dessas ações foi a implantação do Ensino Remoto Emergencial - ERE, tanto na Universidade Federal de Lavras (UFLA) quanto na rede pública e privada de ensino básico.

É importante entender essa modalidade, compreender o ERE que nada mais é que uma possibilidade de solução para aquele momento de pandemia, sendo algo temporário. Portanto, não deve ser comparado com o Ensino à Distância (EaD), apesar de muito se pensar que são iguais e até mesmo se referir ao ERE como EaD. Na EaD os estudantes e professores são preparados para ela, possuem o entendimento dos recursos tecnológicos necessários e são auxiliados por tutores, já o ERE foi um ambiente totalmente novo e desconhecido por muitos docentes e para os estudantes.

Como estudante da graduação foi muito desafiador me adaptar ao ERE. A UFLA de imediato disponibilizou no site um minicurso, explicando como usar as plataformas, acessar biblioteca virtual e outros recursos, bem completo. Mas ainda assim foi difícil, afinal era um ambiente totalmente novo. No começo, mais precisamente em junho de 2020, tínhamos muitas aulas virtuais, mas como não havia participação nem interação, acredito que os professores foram desanimando e as aulas foram diminuindo, assim disponibilizavam os Roteiros de Estudo Orientado (REOs), com os materiais necessários, como textos e videoaulas.

¹A covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus#:~:text=A%20Covid%2D19%20%C3%A9%20uma,transmissibilidade%20e%20de%20distribui%C3%A7%C3%A3o%20global>.

Em outubro de 2020 comecei² a participar, também de forma remota, do Programa de Residência Pedagógica de Matemática, composto por sete residentes, uma preceptora e dois professores da Universidade.

A Residência Pedagógica (RP) me proporcionou experiências enriquecedoras, eram feitos estudos e discussões de teorias, planejamentos de aulas com os colegas e a preceptora. Os planos eram posteriormente desenvolvidos com os estudantes. A regência realizada pelos residentes ocorria de forma remota pelo *Google Meet*, na sala de aula virtual da preceptora com as suas turmas. Além disso, nas reuniões da RP, que aconteciam duas vezes por semana, ocorria o compartilhamento de experiências com todos.

Eu não imaginava como estava sendo as aulas nas escolas estaduais de Minas Gerais, nem nas municipais de Lavras, então nesse programa tive a oportunidade de ver de perto essa realidade na Educação Básica. Tive meu primeiro contato com os Planos de Estudos Tutorados (PETs), pois uma das ações na RP foi a análise desse material e também fizemos algumas discussões antes de trabalharmos com eles em algumas regências. O PET foi uma das ferramentas que a Secretaria de Educação de Minas Gerais disponibilizou para que professores e estudantes das Escolas Públicas Estaduais de MG desenvolvessem as atividades escolares durante o ERE, era uma apostila em que constava conteúdos de todas áreas do conhecimento e algumas atividades a serem realizadas pelos estudantes.

Além do PET foi disponibilizado um programa na televisão aberta chamado “Se Liga na Educação³”, no qual eram exibidas aulas *on-line* no canal Rede Minas e um aplicativo para *smartphone* chamado “Conexão Escola”, em que os estudantes conseguiam acessar os PETs, nele também era possível assistir as aulas passadas no “Se Liga na Educação”. Mas uma grande parcela de estudantes não conseguiam assistir essas aulas, nem ter acesso aos PETs, por não terem acesso à internet e ao canal. Então eles tinham a possibilidade de ir até suas respectivas escolas retirá-los de forma impressa.

Os grupos de *WhatsApp* também eram muito utilizados, de modo a facilitar para ambas as partes, inclusive a preceptora da RP utilizava bastante, até mesmo para enviar os PETs aos estudantes e lembrá-los dos dias e horários das aulas, porém, a participação nesses grupos ficaram restritas a quem tinha acesso a internet.

Na RP eu fazia parte de um trio de residentes. De imediato encontramos dificuldades por conta de desejar a participação dos estudantes nas aulas virtuais, mas poucos interagiam e

² Relatarei em primeira pessoa do singular quando se tratar das minhas experiências.

³ Disponível em: <https://seliga.educacao.mg.gov.br/>.

muitas vezes somente pelo *chat*. A câmera dos estudantes não era ligada em nenhum momento, o que prejudicava ainda mais a relação professor e aluno, pois assim nos sentíamos mais distantes deles. Muitas vezes não dava para saber se de fato estavam compreendendo o que estava sendo explicado. Com o passar do tempo, o número de estudantes reduziu assustadoramente, em alguns momentos demos aula para somente dois alunos, o máximo foram uns sete.

Fora essas dificuldades tive outras relacionadas ao uso dos recursos tecnológicos, os quais não imaginava que teria, achava que entendia muito de tecnologia. Mas fui surpreendida, não conhecia nem metade dos recursos que utilizo hoje, como a plataforma de videoconferências *google meet*⁴; *softwares*, como o *poly*⁵; *jamboard*⁶, mesa digitalizadora, lousa interativa, entre outros. A possibilidade de conhecer estes recursos foi algo positivo que tirei do ERE, aprendi muito. Percebi que essas tecnologias podem auxiliar de forma significativa também na sala de aula presencial.

Ao acompanhar a preceptora Julieta⁷, pude ver de perto o quanto foi difícil lecionar de forma remota, muitas foram as preocupações em relação ao seu próprio trabalho, ela teve que inovar e utilizar novas estratégias para ensinar, principalmente recursos tecnológicos. Percebi que ela se cobrava demais, pois procurava dar aos seus estudantes um ensino de qualidade, inclusive investiu em uma mesa digitalizadora.

Também pude perceber, que a professora Julieta se preocupava em relação a vida pessoal dos discentes, em que muitos demonstraram estar passando dificuldades financeiras. Alguns deles não assistiram às aulas, por não terem acesso a internet. Estes fatos acarretaram um turbilhão de sentimentos, causando inclusive problemas psicológicos os quais afetaram professores e estudantes.

Na Residência Pedagógica acompanhei de perto esse problema acontecendo com a preceptora, o que me fez refletir muito. A partir dessas vivências na RP é que senti a necessidade de falar e pesquisar sobre esse assunto, para conhecer e procurar compreender mais sobre os dilemas e desafios enfrentados por eles, em busca de compreender essa realidade difícil, em que muitas vezes os docentes enfrentaram calados os seus desafios.

Diante de tudo que relatei, tive outro olhar sobre esse momento de ERE, não só como estudante, mas como futura professora, com todas as experiências vivenciadas na RP. Percebi

⁴ Disponível em: <https://meet.google.com/>.

⁵ Software para exploração de sólidos geométricos. Disponível em: <http://www.peda.com/poly/>

⁶ O Jamboard é um quadro interativo desenvolvido pelo Google.

⁷ Codinome.

que foi preciso aos docentes se reinventarem, então, ao iniciar a disciplina de Projeto Orientado I, em 2021, decidi com a minha orientadora, investigar os dilemas e desafios de docentes de Matemática durante o trabalho remoto.

Outro fator determinante para minha escolha partiu das minhas percepções sobre a pressão enfrentada pela preceptora durante os 18 meses de RP (2020-2022), em que notei uma sobrecarga do trabalho docente.

Sendo assim, me aprofundando nesse contexto, em um primeiro momento decidi compreender melhor essa realidade mostrando como ela aconteceu durante a pandemia do covid-19, em que foi necessário fazer uso de recursos tecnológicos para ensinar, sendo que muitos nem eram conhecidos e sem ao menos terem acesso a uma formação adequada. Porém, com o retorno das aulas presenciais em 2022, a realidade mudou e em comum acordo com minha orientadora, decidi procurar compreender como ocorreu a prática docente, diante das consequências que a pandemia causou, não apenas na aprendizagem. Sendo assim, com esta pesquisa pretendo responder a seguinte questão de investigação: “Que percepções professoras⁸ de Matemática têm sobre o ensino remoto emergencial e sobre o retorno das aulas presenciais, relacionadas à sua prática pedagógica?”.

Com minhas vivências no Estágio Supervisionado IV⁹, que ocorreu de forma presencial, pude ver de perto e acompanhar a realidade atual de uma escola pública. Então, diante de minhas experiências notei o quanto a aprendizagem dos estudantes foi prejudicada, alguns não estavam sabendo operações básicas, resolver equações simples, fora que a desmotivação por parte de alguns estudantes estava notável, algo que não é tão assustador, pois foram quase dois anos de pandemia. Consequentemente, esse mesmo tempo sem estudar para alguns, em virtude da realidade de alguns estudantes que não tiveram acesso às tecnologias.

Durante este estágio, pude perceber o cuidado e amor dos profissionais envolvidos com os discentes, a vontade de melhorar aquele ambiente para que pudessem fazer uso da *internet*, com *wi-fi* liberado. Além disso, a supervisora fez uma breve reunião em que não economizou elogios às turmas, por conta da festa junina que ocorreu e todos se empenharam para que ela pudesse acontecer. A professora que acompanhei fez um projeto muito interessante sobre empreendedorismo, porém apenas uma turma quis participar, daí entra a questão da desmotivação. Mas foi nítido que os professores, supervisoras, diretora estavam empenhados

⁸ São participantes da pesquisa três professoras de Matemática que participaram do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e Residência Pedagógica - RP de uma Universidade do Sul de Minas Gerais.

⁹ Estágio obrigatório desenvolvido com turmas do Ensino Médio.

para tornar a escola um lugar onde os estudantes realmente quisessem estar, e conseqüentemente, essas atitudes colaboraram em transformar aos poucos a situação do retorno presencial.

A presente pesquisa se encontra organizada da seguinte forma: o capítulo 2 apresenta as discussões teóricas sobre a docência e essa profissão na pandemia; no capítulo 3 o percurso metodológico da pesquisa, que é de caráter qualitativo, englobando quem são os sujeitos participantes e como ocorreu a escolha; no capítulo 4 será a análise de dados, em que evidenciam-se as experiências profissionais e práticas pedagógicas de professoras do ensino básico no ERE e diante do retorno das aulas presenciais, incluindo as aprendizagens e estratégias para superar ou amenizar os dilemas e desafios e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo será apresentado o referencial teórico, o qual foi dividido em três seções, sendo elas: Formação Docente, Saberes Docentes e Trabalho Docente, tópicos importantes quando vamos abordar e discutir sobre a docência e os assuntos que a rodeiam. Será apresentado as concepções de alguns autores como Albuquerque e Gontijo (2013), Oliveira (2004), Tardif (2002), Larrosa (2002), entre outros.

2.1 Formação Docente

A Formação Docente deve possibilitar a participação ativa dos principais interessados que são os professores, permitindo que façam parte de todo processo. Albuquerque e Gontijo (2013), nos diz:

[...] permitir que este possa manifestar seus pensamentos e questionamentos, fazendo-o agir na sua própria formação. Essa perspectiva encontra fundamento nas correntes que defendem que o professor deve ser ator e autor de sua formação, viabilizando a constituição de um profissional reflexivo, crítico e investigativo nesse processo (ALBUQUERQUE; GONTIJO, 2013, p. 82).

Diante de alguns estudos e pesquisas, tomando alguns autores como base, é possível observar que a Formação Docente necessita de alguns investimentos tanto do professor quanto de políticas públicas de formação, que com a pandemia evidenciou-se um deles, que diz respeito à tecnologia. Em relação às aulas remotas, segundo Oliveira *et al.*, (2021, p. 9), “as dificuldades são ainda maiores quando os docentes não receberam nenhuma formação para a utilização de ferramentas tecnológicas necessárias ao desenvolvimento das atividades remotas”. Esta questão foi muito evidenciada no decorrer da pandemia, muitos queixaram-se inclusive de ter tido um aumento nas horas de trabalho em virtude disso.

Vale ressaltar que as tecnologias digitais realmente contribuem com o processo de ensino e aprendizagem mas, por si só, não proporcionam uma mudança considerável, como alguns pensam, para que isso ocorra é necessário profissionais com conhecimento para usá-las de forma adequada. Como afirmam Santos e Chaves (2023, p.174), “as tecnologias necessitam de profissionais preparados e capacitados para operacionalizar cada recurso que trazem consigo”.

É preciso que haja investimentos em políticas públicas de formação docente e que as instituições formadoras preparem os docentes para lidarem com as várias situações que ocorrem dentro e fora da sala de aula. Além disso, que os próprios docentes queiram e busquem formação profissional, pois dessa forma, quando ocorrerem imprevistos como foi o da pandemia, estarão preparados para enfrentar os desafios da melhor maneira possível.

Também é necessário frisar que a profissão docente não é nada fácil, o sucesso ao ensinar envolve vários fatores, algumas vezes o que se aprende na teoria acaba não funcionando ou sendo bem diferente na prática, como dizem Santos e Chaves (2023, p.181), “[...]entendemos que a Formação dos docentes durante a trajetória de estudos, pesquisas e embasamento teórico, difere algumas vezes da ação prática, apresentando-se com muitas exigências e grandes desafios”.

Considera-se que a formação, inicial ou continuada, exerce influência na percepção, construção e organização de diversos saberes docentes, que, de forma conjunta, se manifestam no ato de ensinar, ou seja, no fazer docente em seu cotidiano (ALBUQUERQUE; GONTIJO, 2013, p.78).

A Formação Docente é indispensável para a construção dos saberes docentes, desde que ela promova uma relação entre os conhecimentos adquiridos no percorrer da formação e os que estão sendo construídos na prática profissional. A seguir apresento esses saberes.

2.2 Saberes Docentes

De acordo com Tardif (2002), os Saberes Docentes são vários, são eles: saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais.

Iniciando sobre os saberes da formação profissional, são aqueles saberes adquiridos durante a formação, quando o docente está nesse processo, fazem parte do programa de Formação Inicial e/ou Continuada dos docentes. Eles têm um contato maior com as ciências da educação, conseqüentemente com seus saberes, ao longo de sua formação. As ciências humanas e as da educação, de acordo com Tardif (2002, p. 37), “não se limitam a produzir conhecimentos, mas procuram também incorporá-los à prática do professor”.

Tardif (2002, p. 38) explica, que os saberes disciplinares são “saberes que correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes de que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos”.

Já sobre os saberes curriculares, Tardif (2002, p. 38) diz que, “apresentam-se concretamente sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender a aplicar”. Eles são conquistados no decorrer da carreira dos docentes.

Por fim, o saber da experiência, que o próprio nome já explica, se dá na prática, ele se constrói a partir das experiências vivenciadas durante a trajetória docente no dia a dia. De acordo com Tardif (2002):

[...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos (TARDIF, 2002, p.39).

Dessa forma, Pimenta (1999, citado por Cunha, 2007), destaca dois níveis para os saberes da experiência, os saberes da experiências dos alunos – futuros professores, construídos durante a vida escolar e os saberes da experiência produzidos pelos professores no trabalho pedagógico cotidiano.

Larrosa¹⁰ (2002, p. 27) ressalta ainda que, “o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria”, ou seja, cada pessoa é única, vive suas experiências e vai construindo saberes a partir delas.

Para Tardif (2002, p.54), os saberes docentes são caracterizados como plural e heterogêneo, “é formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana e porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer das fontes variadas”. O professor mobiliza vários saberes, pois sua profissão vai muito além das regências.

Em frente ao cenário de pandemia e adoção do ERE, é necessário levar em consideração como professores mobilizaram os saberes para enfrentar a nova realidade, para Firmino *et al.*, (2021, p. 294), “o momento atual demanda uma intensa mobilização de saberes por parte dos docentes, visto a emergência de novos modos de se relacionar com os estudantes, com o conhecimento, com as estratégias didáticas, com a profissão e o meio social, de modo geral”.

Diante disso, concordamos com Santos e Chaves (2023):

¹⁰ Irei usar Larrosa nas citações, mas nas referências estará o nome completo “Jorge Larrosa Bondía”.

Assim, entendemos que o professor era um profissional antes da pandemia, foi outro durante e hoje chegando ao final desta situação pandêmica, não é, nem nunca será o mesmo professor, por ter vivenciado e passado por situações diferentes que exigiram mudanças de sua ação docente em sala de aula (SANTOS; CHAVES, 2023, p.174).

Dessa forma, pode-se concluir que os saberes docentes e a prática pedagógica estarão em constante mudança. Os professores transformam-se e reinventam-se diante das situações enfrentadas no ambiente escolar e social, é fato que isso também ocorre com os saberes experienciais. Diante disso:

Podemos dizer que, quanto mais se busca estudar, pesquisar, debruçar-se dos diferentes saberes de forma específica, dentro do processo de formação e atualização da prática docente, sempre teremos o “novo professor” no ambiente escolar, professor este, que estará preparado para atender e suprir as reais necessidades e atuais que surgem no ambiente escolar (SANTOS; CHAVES, 2023, p.181).

A seguir apresento uma breve discussão sobre o Trabalho Docente.

2.3 Trabalho Docente

De acordo com Oliveira (2004), pode-se dizer que o trabalho docente engloba todo ato de realização no processo educativo:

Não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação (OLIVEIRA, 2004, p. 1132).

Com a chegada da pandemia do covid-19, conseqüentemente, chegaram as medidas de distanciamento social, o que levou a adoção do Ensino Remoto Emergencial, e causou efeitos sobre o trabalho docente, pois foi necessário os professores se reinventarem e desenvolverem seu trabalho mesmo diante da nova realidade. De acordo com Oliveira e Pereira Junior (2021):

As medidas de distanciamento social da população resultaram em mudanças abruptas na forma do desenvolvimento das atividades docentes. No novo contexto, houve a substituição da tradicional interação direta entre educador e educando pelas aulas não presenciais. Certamente, para isso se concretizar, foi necessário que as redes de ensino oferecessem suporte tecnológico e material adequado às atividades (OLIVEIRA; PEREIRA JUNIOR, 2021, p. 729).

Porém, alguns professores não tiveram o devido suporte para auxiliá-los nesse momento desafiador, pois é sabido que alguns estados e redes de ensino não investiram o necessário para amenizar as consequências daquele momento de pandemia. De acordo com Oliveira e Pereira Junior (2021), em suas pesquisas:

[...] uma parcela dos respondentes informou não ter recebido nenhum tipo de suporte para a realização das aulas. Circunstância mais desfavorecida foi a dos professores das redes municipais, tendo sido registrados 14,4% dos respondentes que afirmaram não ter contado com nenhum suporte, em comparação aos 7,1% dos profissionais das redes estaduais (OLIVEIRA; PEREIRA JUNIOR, 2021, p.729).

Outro aspecto que de certa forma impactou o trabalho docente, durante o ERE foi o fato de muitos estudantes não terem acesso à recursos tecnológicos, ambiente propício para estudar, falta de conexão de internet, entre outros, pois para que esse trabalho acontecesse de forma eficiente era primordial a participação e interação entre eles, para que ocorresse a relação professor e estudante. Segundo Oliveira e Pereira Junior (2021, p.733), “diferentemente da sala de aula, foge ao controle do professor a capacidade de concentração dos alunos para evitar que eles se dispersem nos ambientes virtuais. Certamente, os professores necessitam incrementar as atividades de forma a atrair a atenção dos alunos”.

E, por fim, é importante abordar a sobrecarga de trabalho que foi muito evidenciada por Oliveira e Pereira Junior (2021):

Os resultados mostram que a grande parte dos participantes, o equivalente a 82,4%, afirmou que aumentou a quantidade de horas de trabalho destinadas à preparação das aulas não presenciais (Gráfico 3). Ao mesmo tempo, somente 5,3% dos professores afirmaram ter diminuído a quantidade de tempo gasto nessas atividades (OLIVEIRA; PEREIRA JUNIOR, 2021, p.732).

Seja na ERE ou nas aulas presenciais, o trabalho docente constitui-se por diversas atribuições, como: a prática pedagógica, atividades extraclases, relação com estudantes e familiares, gestão escolar, entre outros.

Apresentarei no próximo capítulo a metodologia da pesquisa.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, em que busquei compreender as percepções sobre o ERE e como tem sido a realidade de professoras de Matemática após o retorno presencial, evidenciando seus dilemas, desafios e estratégias no desenvolvimento da prática pedagógica. Segundo Flick (2008):

As ideias centrais que orientam a pesquisa qualitativa diferem daquelas da pesquisa quantitativa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2008, p. 23).

No primeiro momento me aprofundi em estudos teóricos a fim de analisar o que se tem discutido sobre os dilemas e desafios que docentes de Matemática enfrentaram no trabalho remoto e sobre esse momento de retorno às aulas presenciais, procurando responder o seguinte questionamento: “Que percepções professoras de Matemática têm sobre o ensino remoto emergencial (ERE) e sobre retorno das aulas presenciais, relacionadas à sua prática pedagógica?”.

Sendo assim, é importante abordar o que se entende por Percepção nesta pesquisa. De acordo com Vargas Melgarejo (1994), esse termo é definido na psicologia “[...] como o processo cognitivo de consciência que consiste em reconhecimento, interpretação e significado para a tomada de decisões em torno das sensações obtidas a partir do ambiente físico e social¹¹” (VARGAS MELGAREJO, 1994, p.48, tradução nossa).

Tendo em vista que as narrativas produzidas pelas professoras participantes desta pesquisa partiram do que vivenciaram em suas práticas pedagógicas, ou seja, experiências que tiveram no Ensino Remoto Emergencial e após, no retorno presencial. Neste sentido:

O reconhecimento é um processo importante envolvido na percepção, pois nos permite evocar experiências e conhecimentos adquiridos anteriormente ao longo da vida, com os quais as novas experiências são comparadas,

¹¹ “...como el proceso cognitivo de la conciencia que consiste en el reconocimiento, interpretación y significación para la elaboración de juicios en torno a las sensaciones obtenidas del ambiente físico y social” (VARGAS MELGAREJO, 1994, p.48).

permitindo-nos identificá-las e apreendê-las para interagir com o ambiente¹² (VARGAS MELGAREJO, 1994, p. 49, tradução nossa).

Também é importante destacar que cada pessoa tem vivências e experiências diferentes, e conseqüentemente percepções diferentes, como será evidenciado no capítulo de Análise de Dados da presente pesquisa, logo concordamos com Souto (2016) que:

Uma percepção é passível de mudança, de acordo com as vivências de cada sujeito e está constante reconstrução. O que significa que as percepções captadas nessa pesquisa estão relacionadas ao contexto histórico e social em que cada participante está inserido (SOUTO, 2016, p. 47).

Assim, buscando responder a questão de investigação, procurei atingir os seguintes objetivos:

1. Conhecer a relação das professoras com a Matemática e a escolha profissional;
2. Conhecer as percepções das professoras de Matemática sobre o ERE e a realidade do retorno presencial;
3. Identificar como tem se desenvolvido as práticas pedagógicas para superar os dilemas e desafios.

Na próxima seção apresentarei as professoras participantes, a produção e o procedimento de análise dos dados da pesquisa.

3.1 Professoras Participantes

Foram convidadas para participar desta pesquisa, três professoras de Matemática que participaram do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e Residência Pedagógica - RP de uma Universidade do Sul de Minas Gerais, que atuaram no ensino remoto durante a pandemia da covid-19, em 2020 e/ou 2021, e que no momento da produção de dados estavam lecionando nas escolas da cidade de Lavras-MG, após o retorno presencial em 2022.

Para fazer o convite às professoras participantes da pesquisa, entrei em contato via e-mail com a professora da UFLA e coordenadora do curso de Matemática - Licenciatura Plena, solicitando os contatos das professoras. Eu já tinha o contato de uma das professoras, pois era a preceptora da Residência Pedagógica quando participei.

¹² “El reconocimiento es un proceso importante involucrado en la percepción, porque permite evocar experiencias y conocimientos previamente adquiridos a lo largo de la vida con los cuales se comparan las nuevas experiencias, lo que permite identificarlas y aprehenderlas para interactuar con el entorno.” (VARGAS MELGAREJO, 1994, p.49).

No *WhatsApp* elaborei uma mensagem de convite para cada professora, no qual constava um breve resumo sobre o que se tratava, tema da pesquisa e o porquê da escolha. Duas professoras prontamente aceitaram serem entrevistadas, sendo que uma de primeiro momento não deu retorno devido a correria do dia a dia, mas passadas algumas semanas também aceitou. Assim, a presente pesquisa contou com três professoras que atuaram no ensino remoto durante a pandemia do covid-19 e no retorno presencial. De forma rápida foram combinados os dias, horários e a forma que ocorreria a entrevista.

Antes da entrevista as participantes responderam um breve questionário, o qual constava: dados pessoais, formação inicial, pós graduação e atuação profissional, ele foi usado para que fosse possível conhecer algumas informações importantes sobre elas (quadro 1). Para preservar a privacidade utilizamos codinomes.

Quadro 1: Caracterização das participantes da pesquisa.

Codínome	Ana	Maria	Julieta
Formação Inicial	Matemática Licenciatura	Matemática Licenciatura	Matemática Licenciatura
Pós Graduação	Matemática Aplicada	Mestrado em Educação	Mestrado em Educação Matemática
Tempo de Atuação Profissional	24 anos	10 anos	13 anos
Escola em que atuavam	Pública Municipal	Pública Estadual	Pública Estadual e Privada

Fonte: Dados da Pesquisadora (2023).

Os excertos das narrativas feitas por elas serão apresentados na análise em *Itálico*.

3.2 Produção dos Dados

Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas seguidas de um roteiro. De acordo com Manzini (1990/1991, p. 154), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais,

complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Sendo assim, as informações surgem de forma mais livre, e sem padrões de respostas.

Além do roteiro auxiliar na produção de dados, contribui também para uma melhor organização no momento da entrevista, Manzini (2003) salienta que:

É possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante. (MANZINI, 2003, p.2).

Embora o roteiro seja previamente definido é importante ressaltar que é possível ser flexível com ele, a fim de atingir os objetivos pretendidos, ou seja, no momento da entrevista podem surgir outras questões interessantes além ou a partir daquelas já estabelecidas. Esse é um dos pontos positivos desse tipo de entrevista, pois acaba virando um momento de conversa deixando a pesquisadora e participantes mais à vontade.

Para elaborar o roteiro (APÊNDICE I), houve muitas conversas entre a pesquisadora e a orientadora, para que ficasse organizado, e atendesse todos os objetivos. No decorrer da elaboração ocorreram mudanças, surgiram novas perguntas, até que ficou pronto constando exatamente dezoito perguntas. Com intuito de manter a organização e facilitar o momento de análise dos dados, o roteiro foi dividido em três eixos temáticos: (1) a relação com a Matemática na escola como estudante e a escolha profissional; (2) experiências e a prática pedagógica no ERE e, por fim, (3) as experiências e a prática pedagógica com o retorno presencial.

As entrevistas ocorreram de forma virtual, pelo *Google Meet*, de acordo com a necessidade e disponibilidade das professoras. Elas foram gravadas, transcritas e retornadas para que verificassem e, se quisessem, poderiam sugerir alterações, somente após a aprovação de tudo que foi transcrito os dados foram utilizados nesta pesquisa. Expliquei para elas que precisariam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual contém todas as informações da pesquisa que foi submetida ao Comitê de Ética¹³, para que fosse tomado todo cuidado possível de modo a não haver problemas e constrangimentos em relação à pesquisa e às participantes envolvidas. Uma das entrevistadas, após analisar a transcrição, solicitou que tirasse uma parte do que foi falado, e assim foi atendido.

¹³ Foi submetida e aprovada. Número do parecer: 5.823.392

Sendo assim, trabalhei com as narrativas orais produzidas pelas professoras durante as entrevistas, em busca de conhecer suas experiências durante o ERE e diante da realidade do retorno presencial nas escolas. Em relação às narrativas, Sousa e Cabral (2015) nos diz:

[...] pesquisas revelam que os professores, quando falam sobre os dilemas imbricados no seu fazer docente, transportam, ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Isso aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 151).

As narrativas das professoras foram importantes para compreender o que elas enfrentaram no Ensino Remoto Emergencial e após ele, na sala de aula de Matemática, nos seus fazeres docentes. Diante disso, quais as aprendizagens profissionais que tiveram e se elas contribuíram para uma mudança em sua prática pedagógica. Elas também evidenciaram quais os maiores dilemas e desafios enfrentados nas aulas no retorno presencial.

3.3 Procedimento de Análise dos Dados

A opção para a análise dos dados produzidos foi manter os mesmos três eixos temáticos que já haviam sido escolhidos no momento da elaboração do roteiro. No primeiro foi abordado a relação das professoras participantes com a Matemática enquanto estudantes e os motivos que as levaram para escolha profissional; no segundo experiências profissionais com o Ensino Remoto Emergencial; e por fim, suas experiências com o retorno presencial, apresentando as percepções delas sobre, diante do cotidiano escolar.

A Análise Interpretativa foi considerada a ideal para analisar os dados, afinal, “interpretar é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas” (SEVERINO, 2007, p.59). Sendo assim, o pesquisador ao analisar as transcrições coloca seu posicionamento e suas reflexões diante das questões abordadas nas entrevistas.

Como já foi relatado no início desse capítulo, essa é uma pesquisa qualitativa e, de forma geral, analisar dados nesse tipo de pesquisa é trabalhar em cima de todo material que foi produzido, após organizá-lo, então para análise foram usadas as transcrições das entrevistas semiestruturadas. Mas é importante ressaltar que “desde o momento da coleta dos dados, optamos por um tipo de análise, pois, desde os procedimentos iniciais da pesquisa, podemos dizer que o pesquisador já está analisando seus dados” (BARTELMÉBS, 2013, p. 1).

Esse tipo de pesquisa permite que o pesquisador compreenda as opiniões dos sujeitos e maneiras que enxergam as várias situações estudadas, afinal se trata de pessoas diferentes, conseqüentemente com perspectivas também diferentes. Segundo Flick (2008, p. 24-25), “a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados.”

Vale destacar que “em estudo qualitativo o jeito certo para analisar dados é fazê-lo simultaneamente com a coleta de dados. Sem dúvida, sem análise contínua os dados podem não ter foco” (TEIXEIRA, 2003, p. 192). No decorrer da pesquisa uma das preocupações maiores que tive era no sentido de que os dados atingissem o foco, analisando minuciosamente se os dados coletados estavam representando de forma evidente as opiniões e experiências vividas pelas professoras com relação ao assunto abordado.

Como optei pela entrevista semiestruturada, resultou em uma análise com mais detalhes, pois ela permite que o sujeito discorra sobre o assunto. Assim, como evidenciou Bartelmebs (2013, p. 1), “quando o pesquisador optar pela entrevista, já de antemão deve saber que sua análise será de discursos e, por conseguinte, mais detalhada sobre um determinado problema.”

No próximo capítulo apresentarei a análise da pesquisa, em que serão evidenciadas as percepções das professoras participantes.

4. PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DE MATEMÁTICA SOBRE AS SUAS EXPERIÊNCIAS

Neste capítulo apresentarei a análise diante das percepções das professoras sobre o Ensino Remoto Emergencial, e após, com o retorno presencial.

4.1 Relação com a Matemática e a Escolha em ser Professora

De primeiro momento busquei conhecer o que levou as professoras participantes até escolha da profissão docente, assim como as motivações e conflitos enfrentados neste momento. Foi possível notar um interesse comum pela Matemática nas falas das três professoras, mas somente Maria teve a certeza do que queria logo no Ensino Básico, em virtude da afinidade que tinha com a área. Algo que também influenciou a sua escolha foi a presença de “*professores muito marcantes*” (Maria, entrevista, 2023). Isso mostra o quanto docentes são importantes e marcam a vida dos discentes, incentivando inclusive na escolha dessa profissão.

A Licenciatura em Matemática não era a primeira opção para a Ana e sim Arquitetura. Nem sempre as coisas acontecem como planejamos e a vida segue rumos diferentes, mas podemos nos surpreender de forma positiva com isso,

Foi algo que gosto, pois sempre gostei de exatas, mas também fiz a matemática porque na época não tinha condições de fazer o que realmente queria, que era Arquitetura, mas casei, engravidei e, não tive condições, então acabei optando pela Matemática, mas não me arrependo, me identifiquei depois que fui para sala de aula (Ana, entrevista, 2023).

A Julieta além de relatar que ama Matemática, sempre teve uma paixão por ensinar. Relatou que sempre ajudava os colegas, dava aulas particulares, além de viver nesse meio já que sua mãe era professora. Porém também não foi sua primeira opção de curso, “*fui para o Direito, fiz por dois anos e detestei o curso, era péssima aluna, só era boa em Economia, tem matemática*” (Julieta, entrevista, 2023).

Mas após um tempo, Julieta passou no Exame Nacional de Portugal e começou o curso de Licenciatura em Matemática.

[...] quando comecei o curso, a licenciatura lá, que começou as didáticas, fui ficando maravilhada, porque muito daquilo que acreditava e pensava estava sendo fundamentado, no livro, professor falando, e às vezes eu não conseguia falar, expressar o que sentia determinados momentos ao longo da vida, em relação à educação, à matemática, e eles falavam direitinho o que estava

pensando, então fiquei maravilhada, não tive dúvida e nem arrependimento em nenhum momento do curso. Fiz querendo mesmo fazer o curso, e ser professora (Julieta, entrevista, 2023).

Para Ana e Julieta cursar Licenciatura em Matemática não foi a primeira opção, mas depois acabaram realizadas em suas profissões. Elas foram construindo suas identidades profissionais, que para Marcelo Garcia (2009, p. 11), “é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu eu profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos”.

4.2 Experiências Profissionais no Ensino Remoto Emergencial

Neste momento relatarei sobre as experiências e práticas pedagógicas das professoras no Ensino Remoto Emergencial, abordando os dilemas e desafios enfrentados. Além disso, como procuraram superará-los ou amenizá-los, contando sobre suas percepções em frente às situações vivenciadas no decorrer da pandemia.

4.2.1 Uso das Tecnologias

Muitos foram os desafios enfrentados pelas professoras no ERE durante a pandemia, mas o que esteve presente no relato de todas elas foi relacionado às tecnologias. Ana destacou:

Primeiro aprender a tecnologia que a gente até então falava com o aluno “não pode celular, não pode isso e aquilo”, depois ter que aceitar e introduzir isso e foi uma novidade pra gente também conseguir dar aula pelo computador, porque não tínhamos essa prática. Teve que reformular todas nossas aulas, a maneira de ensinar, foi algo muito difícil (Ana, entrevista, 2023).

Ana ainda destacou que para superar essas dificuldades procurou aprender mais e se reinventar no seu trabalho, “fiz investimento tecnológico, de curso, procurei coisas diferentes para passar e também maneiras diferentes de avaliar, porque não dava para dar provas, sabíamos que não eram eles” (Ana, entrevista, 2023).

Já a Maria ficou mais restrita a alguns recursos, não conseguindo inovar muito nesse momento, “no começo ficava bastante insegura ao usar o meet, gravar um vídeo, abrir a câmera, do que eles poderiam fazer com minha imagem. Depois fui me soltando, fui aprendendo mais. Mas fiquei restrita a algumas coisas que dava conta de fazer, não fiz tanta

coisa diferente” (Maria, entrevista, 2023). No mundo que vivemos acontece algumas vezes de pessoas acabarem usando a imagem de outras de forma negativa, não foi citado pelas outras duas professoras, mas também foi uma das preocupações de Maria nesse momento.

A Julieta destacou que precisou aprender sozinha:

Eu tive que correr atrás, muito mais que vocês, que já nasceram nessa era, essa parte de tecnologia sempre tive dificuldade, na pandemia agravou, porque o governo prometeu tanta coisa e não fez nada, tinha que ser tudo por conta da gente, correr atrás de tudo, então foi complicado (Julieta, entrevista, 2023).

E complementou afirmando que houve pouco suporte:

A gente ficou muito à deriva, o governo exigiu muito mas deu pouco suporte, ou nenhum, o suporte que deu em vez de ajudar atrapalhava, tipo o PET, fizeram esse PET para ter um material unificado e é um material vergonhoso (Julieta, entrevista, 2023).

Diante desse relato, ficou evidente a insatisfação da Julieta com os PETs, e os motivos são vários. De acordo com Rosa (2022) os PETs:

[...] trazem consigo uma série de erros conceituais, de sequência e articulação entre os conteúdos. Ainda, contam com o apoio das famílias para orientarem os estudantes a lerem a apostila e a resolverem os exercícios, desconsiderando que muitos estudantes não têm uma família presente ou esses familiares passam o dia e a noite em trabalhos informais para conseguirem colocar alimentos na mesa, enquanto o atual governo vira as costas para qualquer tipo de política de vida, apostando somente em políticas de morte (ROSA, 2022, p.05).

O único material que foi disponibilizado para o desenvolvimento do trabalho docente nas escolas estaduais foi o PET, isso me fez refletir que se todos estudantes tivessem outro material em mãos como, por exemplo livros didáticos, talvez nem precisaria ter sido produzido um outro material de qualidade duvidosa, e o processo de ensino e aprendizagem neste momento não teria sido tão prejudicado, pois os estudantes que não tinham acesso à internet poderiam continuar estudando e aprendendo na pandemia. Ainda acrescento que um dos principais motivos de não ser um material plausível, foi a falta de participação dos docentes na elaboração desse material.

Foi possível notar que todas as professoras foram aprendendo por conta própria, correndo atrás e utilizando estratégias para superar ou tentar amenizar esse desafio comum a

elas. Diante do novo cenário para lecionar foi necessário aderir a novos métodos e aprendizagens e isso fez com que algumas delas fizessem investimentos do seu próprio bolso para dar aos estudantes um ensino de qualidade mesmo em frente àquele momento desafiador. A Julieta ressaltou, “*tinha um quadro pequenininho que fazia as atividades nele, tinha mesa digitalizadora¹⁴ mas as vezes não funcionava*” (Julieta, entrevista, 2023). O mesmo ocorreu com a Ana, “*comprei a mesa digitalizadora, então passei a dar aula com ela, ou seja, tivemos que fazer um investimento né?*” (Ana, entrevista, 2023)

Com isso, é possível identificar que houve a falta de materiais adequados e necessários para que elas usassem em suas aulas naquele momento de ERE. Ana e Julieta que não tinham mesa digitalizadora tiveram que fazer um investimento para poderem trabalhar em casa.

Como vimos no capítulo teórico, existe defasagem de formação docente em tecnologias, o que tornou tudo ainda mais difícil à prática pedagógica. Segundo Oliveira *et al.*, (2021, p. 9), “as dificuldades são ainda maiores quando os docentes não receberam nenhuma formação para a utilização de ferramentas tecnológicas necessárias ao desenvolvimento das atividades remotas”, muitos docentes não sabem utilizar recursos tecnológicos, ou têm pouco conhecimento sobre, algo que foi muito evidenciado na pandemia e esteve presente nos relatos de todas professoras participantes da pesquisa.

4.2.2 Comunicação e Interação com os Alunos

Com o ambiente da sala de aula se transformando em telas de computadores e *smartphones*, a interação e comunicação com os estudantes sofreu um impacto bem considerável por vários motivos, principalmente pela falta de acesso à internet, computadores e celulares de muitos estudantes. Sendo que, quando alguns tinham esse acesso, muitas vezes optavam por não ligar as câmeras, não interagir, o que acabou se tornando mais um desafio enfrentado no trabalho docente durante o ERE.

Ao ser questionada sobre quais foram seus maiores desafios durante o Ensino Remoto Emergencial, Ana destacou:

[...] pelo fato de trabalhar na escola pública, a falta de acesso dos alunos à internet, porque as vezes em casa até tinha o celular mas não a internet, era

¹⁴As mesas digitalizadoras, que já foram chamadas de tablets gráficos, são um periférico de computador, ou seja, esse acessório precisa estar conectado a um notebook ou desktop para funcionar. Nenhuma imagem aparece na mesa: tudo o que você desenhar e escrever na superfície sensível vai aparecer na tela. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/11/mesa-digitalizadora-ou-tablet-qual-e-melhor-para-iniciantes-no-desenho-digital.ghtml>.

celular da mãe e a mesma tinha dois, três filhos, que tinham aula no mesmo horário, então tinham que dividir. Então a falta de acesso dos alunos à internet acho que pode falar que foi a principal (Ana, entrevista, 2023).

Então essa falta de acesso e a questão deles não terem experiência com as aulas remotas, prejudicaram a comunicação e interação com esses estudantes. Desta forma, as aulas ministradas não eram para todos, pelo contrário, infelizmente eram para a minoria, “a pandemia fortaleceu as desigualdades, tornou mais evidente os pontos fracos da educação” (ARAÚJO; ALVES, 2002, p. 708).

A Julieta, diante desse mesmo questionamento, relatou, “*foi tirar, acho que o que temos de mais importante na educação, que é o contato com o aluno, é ver o olhar do aluno, sentar com ele, pegar tipo na mão, sabe?*” (Julieta, entrevista, 2023), e ainda complementou:

Ver o que ele está entendendo, o que não entendeu, essa resposta que a gente tem quando estamos na sala de aula, essa troca. Não é bem uma resposta que é só daqui pra lá, mas de lá pra cá também. Isso para mim foi assim, não saber o que está acontecendo do lado de lá e, muitas vezes o mundo do aluno estava desmoronando, e às vezes a gente era o fiozinho que segurava ele (Julieta, entrevista, 2023).

Com tudo que foi exposto, destaco um sentido da palavra interação na perspectiva Vigotskiana para entendermos sua importância, “segundo a qual o desenvolvimento humano se dá em relação nas trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação” (RABELLO; PASSOS, 2010, p. 3). Assim, fica evidente o quanto a falta de interação pode ter prejudicado o processo de ensino e aprendizagem durante o ERE.

4.2.3 Dilemas e Desafios Diversos

Professores acabam enfrentando algumas cobranças e exigências no seu trabalho e na pandemia não foi diferente. A Maria destacou como sendo um dos seus maiores desafios durante o ERE:

Ser cobrada de algo que não tinha como fazer para o aluno, não tinha como entregar um trabalho por ele, fazer o trabalho por ele, nem colocá-lo na aula. Então assim, eu era cobrada disso, o aluno não entrega, você tem que pedir, ligar, conversar com os pais, mandar mensagem mas, por mais que a gente converse, tem aqueles que não entregam (Maria, entrevista, 2023).

Esse tipo de cobrança que a Maria destacou era algo fora do seu controle, por mais que ela quisesse o melhor para seus estudantes, não podia obrigá-los, pode ser que alguns até poderiam querer fazer e entregar, mas em virtude das suas realidades não era possível. Foi necessário lidar com as cobranças e exigências impostas, causando uma certa exaustão e de certa forma refletindo no seu trabalho

Ao ser questionada sobre como superou isso, Maria afirmou que:

Esses desafios não foram superados, porque até o último mês de ensino remoto, a gente tinha que ficar cobrando aluno, dando PET de recuperação, nova oportunidade, então até o final a gente foi cobrado de ir atrás desses alunos, e por mais que fossemos, eles não respondiam, não estavam preocupados (Maria, entrevista, 2023).

Infelizmente muitos dilemas e desafios enfrentados pelas professoras nesse momento não foram superados, alguns foram amenizados pois procuraram estratégias para isso. Sobre as contribuições da Escola e Secretaria de Educação para superação de alguns deles, Ana destacou que:

A Secretaria de Educação propôs cursos para gente em parceria com a UFLA, tivemos uma capacitação no começo e até antes, eles procuraram sim ajudar dentro do possível. Só que acredito que para eles também foi uma coisa nova, também aprenderam junto, não foram preparados para nos ajudar, então também não podemos cobrar né?! (Ana, entrevista, 2023).

Maria complementou:

A Secretaria de Educação promoveu alguns cursos sobre as ferramentas do Google, o Estado comprou para a gente poder usar a plataforma, então tínhamos o Google Sala de Aula. Ela ofereceu alguns cursos, e até hoje ainda tem oferecido para auxiliar na sala de aula. Já a escola, o que estava ao alcance foi feito, porque tinha algumas coisas que não estavam ao alcance da escola, por exemplo: O aluno fala que não tem internet para usar, não estava ao nosso alcance oferecer essa internet para ele, logo, não era uma questão pontual da escola, era uma questão Estadual (Maria, entrevista, 2023).

Com essa fala da Maria, parece ter havido pouco investimento, fato também ressaltado por Rosa (2022, p. 63) em sua pesquisa, “a falta de acesso à internet de qualidade e de equipamentos, por parte dos estudantes e até dos docentes, também se tornou um complicador para esse processo educativo.”

Mesmo diante das ações propostas pela Escola e Secretaria de Educação para procurar ajudar os professores, duas participantes da pesquisa evidenciaram problemas os quais foram destacados acima nos relatos das professoras Ana e Maria, que acabaram tornando difícil essa ajuda.

4.2.4 Saúde Física e Mental

É fato que a pandemia causou e potencializou muitos problemas físicos e mentais. Com tudo que estava ocorrendo, a covid-19 alastrando, distanciamento social longe de acabar, as preocupações iam só aumentando e causando efeitos negativos na saúde mental de várias pessoas. Na vida dos docentes não foi diferente, com o ERE, precisaram passar muito tempo na frente de telas de computadores e tendo que lidar com problemas diversos, como a sobrecarga de trabalho, preocupações com seus estudantes, falta de privacidade e espaço adequado em suas casas, entre outras coisas. Então é importante destacar o que as professoras disseram sobre isso.

As professoras Ana e Maria afirmaram não ter tido nenhum problema de saúde mental, mas em contrapartida, Ana ficou muito cansada, e destacou o estresse sofrido com as consequências da pandemia:

Fiquei muito cansada, mas não acredito que seja pelo Ensino Remoto, mas sim pela situação. Porque se o Ensino Remoto continuasse, vamos supor que fosse uma coisa que tivesse dado certo, todo mundo tivesse acesso à tecnologia e optasse por continuar, por que estaria mais leve? Porque a gente não ia ter aquela pressão, aquela carga de uma doença que não tínhamos conhecimento, aquele medo de sair, de conviver. Então não posso falar que o estresse que tivemos, o cansaço que todos sentiram foi pelo Ensino Remoto, e sim pela condição que a gente estava vivendo, de uma coisa muito nova e sem saber lidar. Me senti muito cansada, mas foi pelo conjunto de fatores da pandemia, doença nova, aprendizado novo, sentimos o desnível social presente, então foi muita coisa que juntou e acarretou naquele estresse nosso, mas não só o Ensino Remoto (Ana, entrevista, 2023).

Já Maria acabou prejudicando sua visão, “*tive que começar a usar óculos na pandemia, por conta do tempo que ficava em frente a tela e hoje eu não preciso mais de óculos*”. (Maria, entrevista, 2023)

A Julieta afirmou que esse momento prejudicou sua saúde mental e física, levantando alguns questionamentos,

Nunca trabalhei tanto igual na pandemia, trabalhei o dobro praticamente do que trabalho, tanto que é que surtei né?! Tive que ficar medicada, afastada,

foi muito difícil, e às vezes ficava pensando assim “será que estou aqui, nadando, nadando, para morrer na praia?”; “será que está fazendo diferença para alguém, será que vale a pena me desgastar tanto, alguém vai tirar proveito disso? Porque eu não estou tirando” e hoje eu vejo que sim (Julieta, entrevista, 2023).

Com tudo que vivenciou com seu trabalho na pandemia, Julieta percebeu que realmente fez diferença na vida dos seus estudantes, mesmo que seja para uma minoria. Ao retornarem, os que conseguiram participar das suas aulas virtuais, tiveram menos dificuldade e demonstraram recordar de alguns conteúdos estudados naquele momento.

E complementou, *“minha coluna ficou ruim, foi uma época muito difícil e complicada. Mas o que a gente ia fazer?! Não podia sair, foi preciso.”* (Julieta, entrevista, 2023).

Alguns professores tiveram sua saúde mental prejudicada em virtude do seu próprio trabalho, que causou estresse por conta dos dilemas e desafios enfrentados. Nos relatos das professoras Ana, Maria e Julieta, é perceptível que vivenciaram estresses relacionados ao trabalho no momento da pandemia, sendo que Julieta precisou recorrer ao tratamento médico.

4.3 Experiências Profissionais no Retorno Presencial

Abordarei as experiências que as professoras tiveram ao retornarem presencialmente, seus maiores desafios, como fizeram para superá-los ou amenizá-los; as aprendizagens adquiridas, como está a realidade dos estudantes após o ERE e de que maneira tem se dado suas práticas pedagógicas, entre outras questões importantes.

4.3.1 Retorno Presencial

O retorno presencial se deu em dois momentos nas escolas públicas, a professora Maria explicou:

Teve dois momentos de retorno, o que foi final do ano, o qual foi mais controlado, tinha que seguir a apostila que os alunos tinham recebido, que era o PET, então foi um retorno gradativo, as turmas tinham escalas para poder ir para escola. A orientação que tínhamos era continuar com esse PET, por ser um material em comum que todos tinham recebido. E teve o retorno no início do ano passado, com todos alunos na escola, um retorno muito tumultuado, porque ele coincidiu com a implantação do Novo Ensino Médio, tinha ainda as medidas de protocolo de saúde no início do ano, com o passar do ano ela foi afrouxando. Junto com o NEM vieram as disciplinas integradoras para auxiliar os alunos nessa volta, né? Que seriam as outras disciplinas que o governo propôs, mas na matéria em si, no que diz respeito

a Matemática não teve mudança, o meu planejamento foi eu que fiz, de acordo com que achava que eles não tinham visto na pandemia e o que achava que tinham que rever quando voltassem (Maria, entrevista, 2023).

Como relata Julieta, ela e os estudantes ao retornarem de fato as aulas presenciais, não tiveram nenhuma preparação para enfrentarem a volta para realidade em sala de aula, como ela disse “*quando voltou não estava preparada, acho que ninguém estava, não sabíamos o que íamos encontrar, e ninguém preparou, ninguém falou nada, a gente só foi*” (Julieta, entrevista, 2023). Então ao retornarem, se depararam com a defasagem na aprendizagem, frequência prejudicada, todo caos da volta e além de tudo isso coincidiu com a implantação do Novo Ensino Médio (NEM). No início essa implantação ocorreu somente para estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, Julieta também comentou sobre:

[...] esse Novo Ensino Médio que ninguém sabe do que está acontecendo ainda com essas eletivas, os alunos estão cansados de ficar no sexto horário, falta alimentação no sexto horário, as disciplinas é cada professor por sua conta, essas eletivas, não tem um material, suporte, não tem formação continuada nesse sentido (Julieta, entrevista, 2023).

O NEM¹⁵ é uma nova reestruturação, com um currículo diferente, o foco passou a ser desenvolver habilidades e competências que o mundo do trabalho exige, então docentes e estudantes voltaram para uma realidade distinta da que eram acostumados antes da pandemia, sem saberem muito sobre o NEM. Assim todos se sentiram perdidos e tiveram que lidar com isso também.

As orientações que as professoras receberam ao retornarem no primeiro momento ficaram mais restritas em protocolos de saúde em virtude da covid-19 como usar máscaras, álcool em gel, para que os estudantes se cuidassem de forma adequada dentro da escola e sala de aula, evitando a contaminação. A Ana disse como foi a sua experiência:

Tanto eu quanto a escola, a principal coisa que preparamos foi em cima dos protocolos, conscientizá-los que ainda era um momento delicado, e sem causar terror, porque senão eles ficavam assustados. Mas dentro do que era possível recebemos bem eles, estava fazendo rodízio, no começo não eram todos que iam no mesmo dia, manteve o distanciamento, eram poucos na sala, foi uma coisa preparada (Ana, entrevista, 2023).

¹⁵ Para mais informações está disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio>. NEM/MG: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/ens-medio/conteudo-de-apoio>.

A Julieta que lecionava em escola pública e privada, relatou sobre como foi o retorno, contando sua experiência com o terceiro ano do Ensino Médio da escola privada, afirmando que foi ignorado o fato que os discentes ficaram dois anos fora da escola:

O terceiro ano foi revisional, tive que dar noventa e seis capítulos da Matemática de todos os anos para você ter uma ideia. Aí chegou lá na Matemática do primeiro ano, segundo ano, tudo revisional, agora como vou fazer uma revisão de uma coisa que não foi dada? E eles mandavam provas já prontas, foi um alvoroço, menino indo para psicólogo, tomando remédio, saindo do colégio, foi um verdadeiro horror. Na outra escola estadual, foi um pouco mais tranquilo, mas nem tanto, e por muitos anos ainda a gente vai ser respingado com as coisas da pandemia, com as consequências da pandemia (Julieta, entrevista, 2023).

Nesse caso da professora Julieta, eram estudantes do terceiro ano, ela se encontrou em uma situação muito complicada, pois em um ano é impossível dar noventa e seis capítulos de algo que eles sequer conheciam. Ela aproveitou para dar sua opinião de que ações deveriam ter sido feitas no retorno, e as que foram feitas por ela:

Acho que deveria ter sido um ano de acolhimento, de nivelamento. Tem que voltar, mas não é voltar relembrando, porque são coisas diferentes, uma coisa é você voltar relembrando, outra coisa é a maioria ali não saber o que estou falando, nunca viram aquilo, então tenho que dar como se fosse tudo novo. Estou atrasadíssima com o planejamento, mas estou nem aí, estou seguindo, fiquei o primeiro bimestre inteiro trabalhando conjuntos com eles, que é uma coisa que a gente trabalha tipo em três semanas, um mês no máximo, fiquei o bimestre inteirinho só com conjuntos no primeiro ano (Julieta, entrevista, 2023).

No que diz respeito às ações postas em prática pela escola e docentes no que se refere avaliar o conhecimento dos estudantes e a reorganização curricular, com as professoras Ana e Maria também não foi diferente, elas tiveram que fazer uma retomada dos conteúdos do momento de ERE e deixaram para depois aqueles que deveriam ter sido trabalhados no ano do retorno, com o objetivo de diminuir a defasagem da aprendizagem dos seus estudantes.

Ana explicou:

A avaliação foi feita aos poucos quando começamos a voltar, naquele ano não chegou a ter uma avaliação como era antes. O currículo, quando voltamos, continuamos trabalhando com o PAC (Plano de Atividades em Casa), e teve aluno que não voltou. Quando realmente retornou ano passado, reformulamos o currículo, priorizando o que era mais importante determinado ano, e dentro daquilo que a gente ia apresentar aos alunos fazíamos uma avaliação e se notasse que havia uma defasagem a gente

voltava naquele determinado conteúdo. Tanto que ano passado dava aula para o sexto ano e ficou aquela parte de Medidas e Grandezas, Área, Volume sem passar, eles foram para o sétimo ano, passei para professora para ver se esse ano ela trabalhava. Nós chegamos a conclusão que era preferível dar menos conteúdo, mas adquirir o conhecimento, do que dar o conteúdo inteiro de qualquer forma (Ana, entrevista, 2023).

Maria também destacou:

Partiu do professor, ele quem achou necessário, porque na matemática não tem como eu avançar se o aluno não sabe uma regra de sinal, se não sabe resolver uma equação de primeiro grau, então tive que retomar conteúdos lá de trás, para que eu pudesse avançar na matéria. No meu planejamento coloquei esses conteúdos e justifiquei porque estava os colocando no meu planejamento. Mas veio um planejamento do governo, e eu tive que encaixar isso dentro do planejamento do NEM (Maria, entrevista, 2023).

Diante desses relatos, parece não ter sido proposto um novo planejamento curricular, pela Escola e nem Secretaria de Educação, para atender as necessidades dos estudantes. Uma possibilidade viável seria as escolas terem feito uma reestruturação curricular para o primeiro ano de retorno, levando em consideração os diversos conteúdos perdidos durante a pandemia.

Ao retornarem para o ensino presencial, muitos estudantes chegaram na escola com a aprendizagem muito defasada, então o que as professoras Ana, Maria e Julieta ressaltaram era o mais certo a se fazer naquele momento, que foi retomar alguns conteúdos e não se preocuparem em atrasar o planejamento.

Já a Julieta contou sua experiência:

Então, foi feita uma avaliação diagnóstica que não foi pelos professores, foi pelo Governo. Uma avaliação diagnóstica que os meninos mal olham, mal leem, vão lá marcam o X e acabou. A gente teve que inserir o resultado ainda, que eu acho absurdo um negócio desses, o professor ter que inserir o resultado, gabarito a gabarito, aluno por aluno, para o governo ver, analisar o que o aluno está precisando, qual a defasagem do aluno, uma prova mal elaborada (Julieta, entrevista, 2023).

Não basta realizar a avaliação diagnóstica padrão para todos os estudantes e não ter ações a partir dela, mesmo obtendo o resultado que naquela realidade nem era confiável. Como ressaltou Julieta, os estudantes mal sabiam ler e chutavam as respostas. Além disso, nada foi feito com o resultado da avaliação por parte dos gestores, partiu dos professores fazerem um novo planejamento, e retomar alguns conteúdos não estudados no período da pandemia, como já foi evidenciado anteriormente nos relatos das professoras. Ela demonstrou a sua indignação,

pois quem tem conhecimento do que realmente os estudantes sabem ou não são os docentes, que os acompanhavam no dia a dia em sala de aula, logo não existe ninguém além deles para saber o que é melhor a ser feito quando estão se referindo aos estudantes e o processo de ensino e aprendizagem.

4.3.2 Formação Continuada

As professoras relataram sobre se no retorno elas foram contempladas com Formação Continuada. As professoras Ana e Julieta afirmaram não terem tido nenhuma ação diferenciada para tal situação. Ana frisou que teve várias formações continuadas durante o ano ofertadas pela prefeitura, mas nenhuma especial para o retorno presencial.

Maria contou em seu relato:

Hoje, desde o ensino remoto, o governo criou uma plataforma de Formação Continuada, então durante todo o ano são oferecidos cursos para que os professores possam estudar diversos assuntos, em cada mês, cada bimestre e semestre, são colocados cursos novos. Tem cursos de 60 horas de duração, 10 horas. Então está sendo oferecida, porém a demanda de serviço não condiz com a quantidade de formação que o governo quer que a gente faça. É muita demanda, muita aula que temos que dar durante a semana (Maria, entrevista, 2023).

De fato, com a demanda de aulas, não sobra muito tempo para participação em cursos. Além das regências, tem as avaliações que precisam elaborar, correções e o planejamento das aulas que também toma muito tempo. Ainda tem os afazeres do dia a dia, filhos, entre outros. Esses fatores devem ser levados em consideração quando são ofertados cursos de longa duração e na modalidade EaD, os quais devem atender todos os docentes, para que tenham a oportunidade de se desenvolverem profissionalmente.

4.3.3 Dilemas e Desafios Enfrentados em Sala de Aula

Dilemas e desafios foram enfrentados pelas professoras ao retornarem para a sala de aula, elas se depararam com a defasagem na aprendizagem de seus estudantes, além de outros problemas relacionados a convivência entre eles, frequência, motivação e participação. Afinal eles passaram muito tempo em casa sem poderem ter contato com seus colegas e pessoas fora de seu convívio familiar, conseqüentemente, tiveram dificuldades nas relações sociais ao retornarem para escola e também foram perdendo hábitos de estudos. Tais situações tornaram

ainda mais difícil o trabalho das professoras em sala de aula e isso será abordado nesse momento.

Todas as professoras relataram desafios idênticos ao retornarem para o ensino presencial, os quais dizem respeito à aprendizagem dos estudantes e aos problemas relacionados acima. A Julieta destacou qual foi seu maior desafio, explicando o que deveria ter sido feito para ter amenizado esse problema:

Essa defasagem que eles ficaram em relação ao conteúdo, estou muito assustada, esses dois primeiros anos que eu tenho, os alunos não tem tanta dificuldade, mas mesmo aqueles que tem mais facilidade, o que já devia ter sido consolidado e tudo, eles não consolidaram. Então, a gente está colocando o básico do básico, e naquela luta, então acho que a defasagem que ficou é normal, porque acredito que a falha foi no ano passado, deveria ter sido nivelamento, pegar as matérias mais importantes e trabalhar, retomar. Por exemplo, o aluno que ficou no sétimo ano na pandemia, o que eles tinham que trabalhar com eles ano passado era equação, foi o que fiz, porque a gente precisa de equação o tempo todo, estou vendo os alunos do primeiro ano, eles não sabem resolver equação. Eles entendem a matéria de agora, mas quando preciso de uma equação eles não sabem fazer, sabe? (Julieta, entrevista, 2023).

Além disso, ainda falou sobre como eles desaprenderam a conviver e os hábitos simples.

[...] ano passado foi um ano muito difícil, tinha aluno que eu pedia para ler, ele me olhava assustado e falava que não estava conseguindo. Não conseguia ler, pegar no lápis, essas coisas simples, de levantar, pedir licença, de conviver com o outro, regras básicas de educação não existiam, então esse retorno foi muito difícil (Julieta, entrevista, 2023).

Julieta também abordou as dificuldades enfrentadas por alguns estudantes durante a pandemia, onde por terem que ficar em casa passaram por maus tratos e abusos. Então quando voltaram para escola, chegaram com traumas, outro fator que docentes devem se atentar e olhar com cuidado e carinho para cada estudante, não se sabe o que enfrentaram no decorrer da pandemia, na sala de aula existem realidades distintas.

Ana relatou que seu maior desafio também foi a defasagem na aprendizagem “*por mais que a gente volta ao assunto, tenta sanar as dificuldades, a gente sabe que ficou uma lacuna para eles, então isso é o mais difícil*” (Ana, 2023). A alfabetização foi um ponto destacado por ela, exemplificando uma situação de uma estudante do sexto ano do Ensino Fundamental, que sabe o básico de Matemática como adição e subtração, mas não lê nem escreve corretamente, de acordo com a professora primeiro era necessário alfabetizá-la.

Como a sala de aula é heterogênea, e pode-se entender como turmas heterogêneas “quando são constituídas por crianças com diferentes bagagens culturais, aprendizagens, ritmos, personalidades, nível de escrita, grupos étnicos, classe social” (ISLABÃO; JARDIM; NÖRNBERG, 2016, p.3), isso acaba sendo outro desafio, como disse a professora Ana em um de seus relatos, abordando heterogeneidade no sentido dos ritmos e aprendizagens de cada um.

Peguei o ano passado e nesse, alunos que não são alfabetizados no sexto ano, não sabem ler nem escrever corretamente, porque saiu do terceiro ano e pulou de “paraquedas” no sexto ano, principalmente alunos de zona rural. Então, o que a escola faz? Pega o aluno e vai para sala que chama Laboratório de Aprendizagem e uma professora alfabetizadora trabalha com ele, não pode ser extraturno porque o estudante não fica na escola, mas preferimos que ele saia da nossa aula para estudar o básico, porque dentro de sala de aula não conseguimos por ter os alunos que estão avançados (Ana, entrevista, 2023).

A Maria relatou que foi mais desafiador no seu trabalho docente ao retornar, a falta de reconhecimento por parte dos estudantes de que o Ensino Remoto havia chegado ao fim:

No ano passado foi os alunos voltarem para escola e reconhecerem que ela é um local de estudos. No início do ano muitos alunos não queriam voltar para escola, eles iam uma vez por semana, duas vezes na semana, ou seja, faltavam muito, com isso eles perdiam a continuidade da matéria e começavam as reclamações “não sei isso”, “não sei aquilo”, mas não tinha uma frequência. Então foi um desafio muito grande o ano passado, a questão dos alunos reconhecerem que o Ensino Remoto tinha acabado, que o ensino tinha voltado a ser presencial. Muitos tinham se acomodado a ficar em casa, ou tinha entrado no mercado de trabalho e não via a escola mais como prioridade (Maria, entrevista, 2023).

Então os estudantes que não tinham frequência, conseqüentemente perdiam os conteúdos ensinados, uma situação muito complicada, porque eles próprios tinham que correr atrás das matérias perdidas, o que dificilmente ocorreu, dificultando ainda mais o trabalho em sala de aula.

Ela ainda complementou, “a gente comentou o ano passado, parece que eles tinham voltado muito “inflamados”, qualquer coisa era motivo para discussão, briga, então assim, foi um ano muito difícil de trabalhar” (Maria, entrevista, 2023). Destacou também, como a aprendizagem foi afetada, evidenciando o quão difícil foi essa volta ao trabalho presencial.

Na busca de saber o que as professoras consideraram importante ser feito para superar a questão da aprendizagem que foi um dos problemas mais desafiadores para elas, além do que já foi evidenciado acima, encontrei algo em comum nos relatos das professoras Ana e Julieta,

ao destacar sobre a importância de todos professores terem se unido naquele momento, para que um ajudasse o outro. Ana disse:

Um novo planejamento tem que ter. Além disso, uma sintonia com os outros professores, para passar para o outro professor o que não foi visto para ele poder trabalhar, a gente sempre trabalhando alguma coisa que ficou do ano anterior, para ensinar até colocar tudo em dia. Porque não dá para cobrar algo que não foi ensinado, então isso é o fundamental, acredito que até daqui uns três anos ou dois, os alunos já vão estar no eixo de novo (Ana, entrevista, 2023).

Julieta também comentou que agora “*é a gente pela gente, podemos contar com o nosso colega, se não fosse a união dos professores, essa troca, estávamos ferrados*” (Julieta, entrevista, 2023)

Maria deu seu ponto de vista:

Ah, eu não sei! Porque hoje a gente estava conversando na escola, as escolas públicas aqui de Lavras estão com uma estrutura muito boa, todos os professores praticamente estão contratados, independente do salário, se você está ali é porque você aceitou trabalhar por aquele salário, ou você precisa dele né? A condição física das escolas estão muito boas, questão de material é tudo muito bom, ano passado o Governo ofereceu reforço para os alunos e eles não iam, então eles não enxergam que a escola pública poder ser boa, e para ser boa depende deles. Então tem uma desvalorização muito grande, sendo assim, eu não sei o que mais tem que fazer para que esses alunos queiram estudar, que eles vejam que estão no local de aprendizagem. Só que nada do que falo aqui é generalizado, porque a escola pública é muito heterogênea né? Tem alunos de todos os tipos, tem aqueles dedicados, mas em compensação tem outros, que parece estar ficando um grupo cada vez maior, de alunos que não querem nada (Maria, entrevista, 2023).

As professoras relataram sobre o fato de que os dilemas e desafios enfrentados já estavam começando a melhorar, pois não se comparava ao que era antes. Por mais que acreditem levar um tempo para que essa melhora ocorra totalmente, muitos ensinamentos foram retirados do momento difícil que foi a pandemia e o retorno presencial, os quais consequentemente enriqueceram e estão enriquecendo ainda mais suas profissões, como é possível perceber a seguir.

4.3.4 Aprendizagens Profissionais

O Ensino Remoto Emergencial mobilizou alguns professores para que aprendessem a usar recursos tecnológicos não conhecidos e mudou a visão de muitos sobre a tecnologia,

mostrando o quanto ela é importante e pode ser muito útil não só na sala de aula, como também fora dela, contribuindo de forma significativa com o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, para quem já tinha essa visão, o ERE evidenciou ainda mais o quanto os recursos tecnológicos são importantes.

No retorno presencial, duas professoras relataram que usaram recursos tecnológicos que conheceram e aprenderam a utilizar no ERE, mas também continuaram usando alguns que já eram conhecidos por elas antes da pandemia. A Ana fez uso do *“Kahoot, que é um joguinho, até foi no PIBID que aprendi a mexer com ele, no ano passado continuamos com grupo de WhatsApp para mandar informações, que antes a gente não usava, não podia e passamos a usar.”* (Ana, 2023). Durante a pandemia, o PIBID e a RP foram desenvolvidos de forma virtual, inclusive participei da RP neste momento, como já foi relatado na introdução desta pesquisa, então quem fez parte desses programas conheceu e aprendeu sobre muitos recursos tecnológicos, assim como eu aprendi.

Já a Julieta disse que fez uso do *Google Formulário* e o *Classroom* para que seus estudantes enviassem trabalho, mas que *“agora esse ano não, é o que costumo usar mesmo, quando começar função afim vou levá-los para o laboratório de informática, com o Geogebra, mas já usava isso”* (Julieta, entrevista, 2023). E complementou *“aprendi sobre tecnologia, coisas que não sabia que a tecnologia era capaz de chegar e fazer”*(Julieta, entrevista, 2023).

Maria relatou que permaneceu usando os recursos que já utilizava antes, e destacou que:

O que aprendi durante a pandemia, acho que seria mais pessoal meu, para conseguir preparar material, montar uma coisa mais chamativa, editar um vídeo, seria mais para mim, do que para eu levar para sala de aula. Tem algumas coisas que ainda não sei como levar para sala de aula (Maria, entrevista, 2023).

Ela ainda evidenciou um ponto importante, o quanto é complicado ficar trabalhando de forma diferenciada em virtude da quantidade e duração das aulas. Com o Novo Ensino Médio tem um professor de Núcleo de Inovação Matemática, que fica por conta da parte tecnológica, *“ano passado trabalhava junto com outra professora, eu ensinava a parte teórica, e ela ensinava a parte gráfica com recurso tecnológico.”* (Maria, entrevista, 2023)

A Ana, observou algo interessante sobre sua experiência:

O ano passado e esse ano não tive um problema com celular em sala de aula mais. Apesar de ser sexto ano, mas mesmo antes tinha esse problema, a gente ficava “guarda o celular, tira o fone de ouvido” e eles ficavam, não tenho esse tipo de problema mais, não sei se aprenderam a utilizar, viram que temos

como utilizar para estudar também, se eles aprenderam que deve usar na hora certa, não sei te falar o motivo, ainda não detectei. Lógico que já pedi pra guardar celular, não é 100%, mas diminuiu muito, não temos mais aquele problema de aluno estar usando celular durante a aula (Ana, entrevista, 2023).

Como ela disse, o motivo não é conhecido ainda, pode ser que eles aprenderam a utilizar o celular somente nas horas necessárias, ou pode ser que passaram a dar mais valor para esses momentos em sala de aula, após a pandemia ter tirado isso deles por tanto tempo. A questão é que muitas coisas mudaram e essa foi uma mudança destacada como positiva.

As professoras destacaram suas principais aprendizagens. Julieta disse:

Eu sempre fui uma professora muito humanista sabe? E minha formação também foi muito assim, de preocupar muito, as vezes até preocupava e preocupo demais e, além daquilo de o aluno saber ou não Matemática, a pandemia me fez ter um olhar mais profundo sobre isso, às vezes a gente acha que o aluno simplesmente não sabe, não quer, e não é assim, a gente rotula muito eles. E eu já cheguei a fazer isso, ia seguindo o fluxo “aquele ali não dá mais nada”, mas depois da pandemia olho para ele quando está dando trabalho, como a gente diz, está “fora da casinha”, tento sempre não bater de frente, não brigar, exigir, sem saber o que está acontecendo (Julieta, entrevista, 2023).

Já Maria mostrou um olhar diferente, em virtude das suas experiências, mas também destacou sobre as dificuldades em usar recursos diferentes em sua aula no retorno das aulas presenciais.

Acho que durante o Ensino Remoto, foi a quantidade de recursos tecnológicos que antes não usava e passei a usar, desde planilhas online, tínhamos uma supervisora que a gente chamava de supervisora da planilha, tinha planilha para tudo (risos), até editar um vídeo, construir um vídeo, todo aquele processo ali, as aulas online, que tínhamos que dar um jeitinho para fazer uma aula online com alunos de 6º ano, 7º ano, para eles entenderem alguma coisa do que estávamos falando. No ensino presencial, no retorno, acabou que não mudou tanto assim, porque quando a gente saiu para pandemia ouvíamos muito “Ah, depois os alunos vão dar valor, vão tratar os professores com mais respeito”, e foi completamente o contrário, então não sei se vou colocar alguma coisa melhor em prática esse ano, porque o ano passado foi muito desgastante, lidar com os alunos dentro da sala de aula foi muito desgastante, e com isso a gente acaba perdendo até a nossa motivação de levar alguma coisa, porque lidar com um aluno que te trata com falta de respeito, que trata o colega com falta de educação, é muito difícil, a gente vai perdendo o amor, né? (Maria, entrevista, 2023).

A heterogeneidade das salas de aula, já destacada como um dos desafios, foi evidenciada novamente pela Ana quando abordou uma de suas aprendizagens, voltando ao

exemplo de uma estudante que ela citou no tópico anterior dos dilemas e desafios em sala de aula.

Aprender a lidar com alunos com uma aprendizagem bem inferior ao que eu pegava antes, ter que fazer atividades diferenciadas, porque o ano passado a menina que citei, andava com livro de 1º ano, enquanto os outros estavam fazendo atividades de 6º, ela estava de 1º, então aprender a trabalhar com atividades diferenciadas por causa deles (Ana, entrevista, 2023).

Esse relato da Ana mostra que de fato é preciso olhar para esses estudantes, verificar as necessidades de cada, pois com o retorno presencial ficou nítido que muitos voltaram com a aprendizagem prejudicada. Mas não foram todos, fora que tem aqueles com mais facilidade que outros e se não houver uma atenção para os que têm dificuldade, podem até se sentir inseguros, ou seja, acarretando vários sentimentos ruins nesses discentes.

Diante dessas experiências e aprendizagens profissionais que aqui foram expostas, ressalto o que foi dito no referencial teórico,

Assim, entendemos que o professor era um profissional antes da pandemia, foi outro durante e hoje chegando ao final desta situação pandêmica, não é, nem nunca será o mesmo professor, por ter vivenciado e passado por situações diferentes que exigiram mudanças de sua ação docente em sala de aula (SANTOS; CHAVES, 2023, p.174).

Apesar de ter sido complicado o ERE e o retorno presencial, muitas foram as aprendizagens das professoras. É nítido que as professoras têm uma bagagem maior de conhecimentos e aprenderam lidar com situações diversas, evidenciando que adquiriram novos saberes profissionais.

4.3.5 Saúde Mental

Mesmo em frente a tudo que enfrentaram com o retorno presencial, todas professoras afirmaram estarem bem mentalmente, tranquilas e sempre na esperança de que a cada dia que passa as coisas vão se ajeitando e melhorando. A professora Julieta que foi a única da pesquisa, que relatou ter tido sua saúde mental prejudicada no ERE, contou que começou a praticar atividades físicas e isso tem ajudado muito, mesmo com um volume grande de aulas “*estou com a cabeça boa, tenho prazer em chegar na sala de aula e dar aula para os alunos*” (Julieta, entrevista, 2023).

É importante ressaltar essa questão de cuidar da saúde mental, para que o trabalho flua bem. Como Julieta disse, ela adquiriu novamente o prazer de fazer o que faz, quando estava abalada mentalmente, esse fato atrapalhava seu desempenho profissional e pessoal.

A seguir apresento as considerações finais desta pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa, que contou com a seguinte questão de investigação: “Que percepções professoras de Matemática têm sobre o ERE e o retorno das aulas presenciais relacionadas à sua prática pedagógica?”, percebi que foram muitos os dilemas e desafios enfrentados pelas professoras durante o ERE e no retorno das aulas presenciais. Por um tempo que não sabemos quantificar, os problemas que a pandemia causou na Educação serão vivenciados no cotidiano escolar.

Foi possível identificar que por mais que as professoras tenham passado por muitas vivências parecidas, e que tiveram basicamente os mesmos dilemas e desafios, em algumas situações as experiências e pontos de vista foram bem diferentes. Perante a realidade que se encontravam, a forma de lidar com algumas situações acabam sendo a mesma, mas em contrapartida, com outras lidam de formas distintas.

Vimos que as professoras Ana, Maria e Julieta já tinham afinidade com a Matemática desde muito antes da graduação, quando eram estudantes da educação básica. Um dos principais motivos pela escolha profissional partiu desse fato. As trajetórias não foram fáceis, cada uma seguiu um caminho diferente até a escolha de realmente se tornarem professoras de Matemática.

Frente aos dilemas e desafios enfrentados pelas professoras durante o ERE, foi possível notar que houve falta de investimentos e ajuda dos Governos. As professoras e seus estudantes, não tiveram materiais adequados para o novo estilo de trabalho e aulas. Por conta própria, professores tiveram que usar estratégias para amenizar grande parte dos problemas enfrentados, inclusive tendo que usar o próprio salário para comprar equipamentos para as aulas virtuais.

Com todas experiências relatadas pelas professoras no ERE, também ficou evidente que esse momento escancarou que a Educação não está em boas condições, falta muita coisa, e que na realidade muitos estudantes sofrem com a desigualdade social, que antes já existia, mas não era tão evidente.

Diante das percepções das professoras, concluímos que para haver melhora na aprendizagem é necessário um novo planejamento, uma união dos professores, e trabalho intenso com aqueles estudantes que tiveram a aprendizagem tão prejudicada, fazendo com que eles de fato aprendam os conteúdos que não estudaram na pandemia, afinal, não vai funcionar avançar com eles.

Nesse momento precisa ter uma ajuda da escola em si, para fazer um processo de ensino aprendizagem à parte, pois a sala de aula é heterogênea, tem o planejamento que precisa ser seguido, o que dificulta para o professor saber conciliar. Já sobre os outros problemas

enfrentados, relacionados a convivência, frequência, motivação e participação, as coisas já estão bem melhores, e a tendência é só evoluir com o passar dos dias, na convivência em sala de aula.

Como foi discutido no referencial teórico, os saberes dos professores são plurais, e com tudo que foi exposto, nota-se que eles tiveram que mobilizar diversos saberes. Com a chegada do ERE, mobilizaram os saberes dos conteúdos ensinados, para facilitar a aprendizagem dos estudantes diante dos dilemas e desafios encontrados.

Dentre os saberes, percebi que o saber da experiência foi o que mais ressignificou, ele sofreu um impacto bem considerável, tendo em vista que o ambiente virtual era totalmente novo. As experiências vivenciadas presencialmente não eram as mesmas, então as professoras aprimoraram seus conhecimentos em como ensinar Matemática no ambiente virtual, sem terem lousa, sem a interação com seus estudantes e isso ficou evidenciado nos relatos das professoras. Novos saberes da experiência foram sendo apropriados pelas professoras, podem ser destacados, o uso de tecnologias e a prática docente de forma virtual. As professoras não sabiam utilizar algumas tecnologias antes da pandemia e aprenderam durante o ERE, sendo que aprimoraram seus conhecimentos¹⁶ nessa área naquele momento. Então, com a prática em tal modalidade, as professoras desenvolveram novos saberes da experiência, assim, se adequando diante da nova realidade.

No retorno presencial as professoras já conseguiram usar alguns saberes que tinham desde antes da pandemia juntamente com os que adquiriram durante, principalmente no que diz respeito a tecnologia, então hoje elas têm uma bagagem maior de conhecimentos e experiências.

Com tudo que foi exposto, fica evidente que as questões relacionadas à Educação necessitam que os principais envolvidos, que são os docentes e discentes, tenham a oportunidade de dar suas opiniões e visões, assim muitos problemas serão solucionados de forma mais adequada.

Sendo assim, essa pesquisa contribuiu para a formação da pesquisadora, pois trouxe conhecimentos sobre o cotidiano escolar, evidenciando às estratégias utilizadas para amenizar e superar os dilemas e desafios enfrentados, para proporcionar uma aprendizagem de qualidade para todos estudantes.

¹⁶ Utilizarei “saber” ou “conhecimento” como sinônimos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leila Cunha de; GONTIJO, Cleyton Hércules. **A complexidade da formação do professor de matemática e suas implicações para a prática docente**. 2013.

ARAUJO, F. C. de .; ALVES, A. L. . DE QUE FORMA A EDUCAÇÃO TRATA AS DESIGUALDADES SOCIAIS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 701–719, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i3.4628. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4628>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BARTELMEBS, Roberta Chiesa. **Analisando os dados na pesquisa qualitativa**. 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.

CUNHA, Emmanuel Ribeiro. Os saberes docentes ou saberes dos professores. **Revista Cocar**, v. 1, n. 2, p. 31-40, 2007. Disponível em: https://ledum.ufc.br/arquivos/didatica/1/Saberes_Docentes_Saberes_Professores.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

DE ALMEIDA, Evania Guedes *et al.* **Ensino remoto e tecnologia: uma nova postura docente na educação pós-pandemia**. 2021.

DOS SANTOS, José Ronaldo; CHAVES, Ana Lúcia Galvão Leal. O NOVO PROFESSOR: O SABER DOCENTE ANTES, DURANTE E PÓS PANDEMIA DA COVID-19. **Revista Enfil**, v. 1, n. 16, p. 172-185, 2023.

FIRMINO, Nairley Cardoso Sá *et al.* Os saberes docentes no ensino remoto emergencial: experiências no estado do Ceará. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 7, n. 21, 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.

GARCIA, C.M.; Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. Sísifo, **Revista de Ciências da Educação**, Espanha, v. 8, p. 7-22, 2009.

ISLABÃO, Valéria Alessandra Coelho; JARDIM, Juliana Mendes Oliveira; NÖRNBERG, Marta. Heterogeneidade em sala de aula: entendimentos das Orientadoras de Estudo do PNAIC. **Anais do IV Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2016.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN: 85-98623-01-6. 10p.

MELGAREJO, L.M.V. **Sobre el concepto de percepción**. Alteridades, Xochimilco, v. 4, p. 47-53, 1994.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 1127-1144, 2004.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E. A. **Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira**. Retratos da Escola, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 719–734, 2021. DOI: 10.22420/rde.v14i30.1212. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212>. Acesso em: 3 abr. 2023.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Trabalho docente em tempos de pandemia** – Relatório Técnico / Dalila Andrade Oliveira, Edmilson Pereira Junior, Ana Maria Clementino. – Belo Horizonte, 2021.

RABELLO, T.; PASSOS. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Portal Brasileiro de Análise Transacional, p. 1-10, 2010.

ROSA, NILVANA MORETI FERREIRA. **Experiências e desafios de um grupo de discussão reflexão de professores de Matemática em ensino remoto emergencial'** 25/02/2022 174 f. Mestrado Profissional em ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, Lavras Biblioteca Depositária: Repositório Institucional da Biblioteca da Universidade Federal de Lavras.

SEVERINO, A.J. Metodologia do Trabalho Científico. **Revista e Atualizada**, São Paulo: Cortez, 23. ed., 2007.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lucia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. Horizontes (Bragança Paulista), v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.

SOUTO, N.M. **Percepções de futuros pedagogos acerca de sua formação matemática: estudo com licenciandos de dois cursos de Pedagogia de Minas Gerais**. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Enise Barth. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.

APÊNDICE 1

Roteiro para Entrevista Semiestruturada

1. Conte-me qual a sua relação com a Matemática quando estudava.
2. Por que escolheu ser professora de Matemática?
3. Quais foram os seus maiores desafios no Ensino Remoto Emergencial?
4. Como procurou superá-los?
5. Contou com a ajuda da escola? SE?
6. Durante o período de trabalho remoto você teve algum problema de saúde mental e/ou física? Acredita que foi por conta do ERE, ou que foi potencializado neste período?
7. No retorno da aula presencial, o grupo de docentes da sua escola recebeu orientações? (Da escola, SE, quais orientações?)
8. Como foi que você e a escola se prepararam para a recepção dos estudantes no retorno presencial?
9. No retorno presencial, vocês foram contempladas com formação continuada?
10. Quais foram as ações postas em prática pela escola/docentes no que se refere a avaliar o conhecimento dos estudantes e a reorganização curricular?
11. O que foi/tem sido mais desafiador no seu trabalho docente com o retorno presencial?
12. Como foi/tem sido a frequência dos estudantes nas aulas no retorno presencial? E em relação à participação?
13. Como percebeu a motivação dos estudantes no retorno presencial? (E agora um ano depois?)
14. A aprendizagem dos estudantes foi afetada? Em que? (Se sim, o que considera importante ser feito para superar?)
15. Em caso afirmativo na questão anterior, quais fatores você acha que contribuíram para isso?
16. Já fez uso de algum recurso tecnológico nas suas aulas presenciais, que aprendeu usar no Ensino Remoto Emergencial? Se sim, qual(is)? Como
17. Quais suas principais aprendizagens profissionais durante o ERE e depois, no retorno presencial?
18. Como está sua saúde mental com a volta das aulas presenciais?
19. Quer deixar uma mensagem?